

COGNOME E NOME

Paterni

Pessali

† Giovanni

Luigi

Giovanni

Stefano

†

Carolina

REPORTAGEM

RAÍZES

Hesio Pessali

Jornalista com atuação como repórter/leitor na Revista Veja, Jornal do Brasil, O Globo, BBC de Londres, A Gazeta e A Tribuna, e como docente na Universidade Federal do Espírito Santo e Faesa. É autor de textos acadêmicos e jornalísticos sobre a imigração italiana no Espírito Santo.

Raízes

Londres, aeroporto de Gatwick, 3 horas da madrugada de sábado, dezembro de 1975. Um italiano falante perturbava o salão de embarque, embora pouca gente entendesse: ele falava alto, em italiano, e falava mal da Inglaterra. Ninguém demonstrava se dar por incomodado. Como fazem os ingleses, discretamente leem o jornal ou olham algum ponto indefinido no teto.

Del Carmine cansou de esperar um interlocutor e sentou do meu lado. Mudou de assunto e perguntou se eu ia para a Itália. Não esperou e já foi dizendo que ia para Rivarolo. Perguntou se eu sabia onde ficava. Respondi que ia para Milão. Ele também, de Milão ia de trem para casa.

Aí começava uma viagem para ficar na memória. Meu giro pela Itália durou quase um mês, e o reencontro com as origens a gente nunca mais apaga, são lembranças para sempre. Esse italiano da Lombardia foi, digamos, quem me facilitou essa emoção ainda tão forte passados todos esses anos.

Ele fora a Londres com a família para o casamento do filho com uma inglesa, numa festa em que só ele não falava inglês. Quis permanecer sóbrio mas não conseguiu. Da festa foi direto para o aeroporto, carregando ainda a sobra do porre.

Sentamos juntos no Boeing, e a conversa durou o tempo do voo. De manhã descemos em Malpensa. Ao lado da pista havia restos de neve sobre o capim onde um faisão ciscava procurando comida.

Del Carmine a esta altura já sabia que eu era um ítalo-brasileiro, ainda sem a cidadania, que viria mais tarde; que era jornalista; trabalhava para o Serviço Brasileiro da BBC de Londres e que estava para realizar um sonho de infância, o de ver o cenário que meus avós descreviam repetindo o que tinham ouvido dos seus pais imigrantes: Quattrocasse, “*quel piccolo paese*”, no meio de uma plantação de milho imensa, do tamanho da Pianura Padana.

Na saída do avião, ele me convida. Embarco com ele, a mulher e a filha no trem que nos deixa



Seta no caminho indicando o destino (Foto Hesio Pessali).

em Cremona, onde tomamos um táxi e chegamos à tarde em Rivarolo. Tarde demais para seguir viagem. Meu roteiro até Quattrocasse passava pelo *comune* de Casalmaggiore, província de Cremona. O último ônibus já tinha saído: “Dorme aqui na minha casa”.

Dormi cansado numa cama enorme, de metal amarelado, antiquíssima. Uma amiga inglesa casada com um diplomata italiano me disse que muitas famílias ainda conservavam esse tipo de cama de casal, tão grande que, se é verdade, ela é colocada dentro do quarto antes de levantar as paredes.

Segui viagem no único ônibus de domingo, que saía à tarde. Levava comigo um bilhete dele a um amigo gerente de um pequeno hotel em Casalmaggiore. Nem era necessário: depois que o ônibus partiu ele reforçou o bilhete com um telefonema.

Nunca mais vi esse italiano nem sua família, mas, depois das férias, de Londres escrevi uma extensa carta onde acho que consegui passar meu encanto pela Itália e essa espécie de taquicardia que acomete os *oriundi* toda vez que falam da terra de origem, tenham conhecido ou não. No fim, fiz um convite para ele me visitar quando voltasse para ver o filho casado com a inglesa.

No hotel não serviam jantar aos domingos, mas a minha ceia estava reservada, por encomenda de Del Carmine. Eu jantava tranquilo e solitário, enquanto um bando de jovens conversava. Mas tão alto e agitado que às vezes achava que iam se bater. Ainda



Rua central de Quattrocasse (cartão postal).

não tinha visto do que é capaz um grupo de rapazes italianos quando fermentados pelo vinho da região.

A certa altura, levanto a cabeça e me vejo cercado. Um deles me diz que os estrangeiros são bem-vindos a Casalmaggiore, e pergunta de onde eu vinha, o que queria e se eles podiam ajudar. Quando disse o que queria foi como se tivesse dado uma ordem. Já me vi dentro de um carro com destino a Quattrocasse, a uns poucos quilômetros dali, na zona rural. No caminho escutei uma observação: que eu falava italiano com sotaque inglês...

Na igreja de Quattrocasse, Don Remo Baruffaldi tinha terminado de celebrar a missa vespertina e esquentava a janta, porque no domingo dava folga à empregada. Pelo jeito como veio atender à porta, devia conhecer aqueles rapazes barulhentos. Foi in-

timado a abrir a sacristia porque queriam fazer uma devassa nos registros de batismo até encontrar o nome do bisavô do visitante.

Até ele se mostrou simpático à história de alguém buscando os ancestrais e esqueceu a janta, que queimou no fogão. A busca continuava, porque eu não tinha a data certa do nascimento de Pezzali Paolo, e nem eles completa lucidez para procurar. Meia hora depois, a descoberta: Pezzali Paolo, filho de Pezzali Giovanni e Rosa Moretti Caroli, batizado em Quattrocasse, nascera em 11 de maio de 1848. A descoberta merecia uma comemoração, às custas da adega de Don Remo.

Saímos de Quattrocasse já bem escuro, no meio da neblina. Atravessamos uma ponte sobre o Pó, só para esticar a comemoração, até um vilarejo chama-



Quattrocasse do início da década de 1970 (cartão postal)

do Colorno, voltamos e eu fui para o hotel, alegre de emoção e de vinho.

No dia seguinte voltei de táxi a Quattrocasse. Desembarquei na frente de um bar, entrei e perguntei a um rapaz, naquela segunda-feira vazia, onde moravam os Pezzali: “Lá na esquina, quase no fim da rua”, mas provavelmente estariam na lavoura.

Dei umas voltas, fiz algumas fotos, comprei uns postais e entrei na igreja, da qual só conhecera a sacristia na noite anterior. Na lateral, uma imagem de Santa Luzia, sempre invocada por alguém com alguma doença nos olhos – e então lembrei do que na infância me dizia vovô Marcelino: seu pai era devoto da santa, e trouxe da Itália um quadro, que eu ainda cheguei a ver quando criança, pendurado na parede da casa dele, sem entender por que aquela mulher segurava uma bandeja em cima da qual havia um olho.

Pelo meio-dia bati na casa dos Pezzali. Estavam almoçando e, sem a menor cerimônia, me convidaram a entrar e ouviram um resumo de minha história. Sentei à mesa e comi com eles. Naquela tarde, Gino e Alessio não voltaram com o trator para os quatro hectares e meio de terra que se estendiam atrás da casa.

A mãe Chiara ficou escutando também. Falamos de tudo, mas, principalmente, das histórias que eu tinha de memória sobre o que Paolo e a minha bisavó Elisa Barbantini – a *nonna* Elisa – haviam trazido da Itália.

Eles também tinham vaga memória de que, num passado distante, alguém se desgarrara da família *per far l'America*, só e nada mais. Nenhuma carta, nenhum nome, nenhuma data. Ficaram surpresos quando tirei do bolso uma cópia do passaporte de Paolo e Elisa. Agora, a imigração era real. E remon-

tando a genealogia, eles eram descendentes de um dos filhos de Giovanni que ficaram. *Mamma* Chiara encheu os olhos, enxugou o nariz e me deu um longo abraço. Senti aquele gesto de afeto como se quatro gerações estivessem me recebendo de volta! O pai Alessandro bem que gostaria de ouvir minha história, mas já havia falecido.

Saí de lá flutuando, rindo sozinho, com a alma confortada e a indicação de mais parentes a encontrar. Depois da última casa só existia o verde dos dois lados da planície. Caía uma chuva muito fina e gelada. Um bando de patos selvagens cruzou o céu na direção do sudoeste. Não havia táxi nem ônibus, então continuei andando pela estreita estrada sem me importar com a distância de Casalmaggiore. Passou um carro e me deu carona. À noite, o céu se abriu, e da janela do hotel fiquei admirando um arco em volta da lua, maravilhado com tudo o que estava acontecendo.

Nos dias que se seguiram visitei Dante, que tinha uma concessionária da Fiat no *comune* vizinho de Viadana. Almoçamos num restaurante caseiro à beira da estrada, e foi o *capelletti* mais saboroso que jamais comi, com recheio adocicado de abóbora madura. No dia seguinte, acompanhei Dante a um vilarejo onde ele ia expor à moda italiana uma nova versão do *Lancia Beta*, parecido com nosso antigo Opala: estaciona o carro na praça e os curiosos vão chegando. O fascínio do italiano pela *macchina* logo produz uma aglomeração, e a partir daí começam as encomendas.

Fiz uma foto de Dante de perfil e, depois que revelei, percebi o quanto seus traços se pareciam com os de meu irmão Orlando.

Dante telefonou para o *zio* Giovanni, que já se aposentara do seu comércio em Desenzano del Garda e agora se dedicava à pesquisa familiar. *Zio* Giovanni morava num *palazzo* encantado, numa elevação que dominava o lago. Via-se do outro lado as Dolomitas quase cor-de-rosa.

De suas mãos recebi um presente de valor inestimável. Ele tinha refeito a genealogia de sua linha



Bar em Mantova (Foto Hesio Pessali).

familiar até 1610, com algumas ramificações. Uma delas mostrava que nossos ramos se separavam no início do século 18. O restante completei daqui e dali, com parentes ou em arquivos públicos nas semanas que fiquei por lá.

Ainda encontrei a prima Beatrice, docente universitária, professora de Antropologia, que me convidou para uma conversa informal com seus alunos sobre a América Latina. Eles queriam saber de tudo: sistema político, economia, relações com o mundo. Do Brasil queriam também saber de futebol. E eu tomei a iniciativa de lhes falar sobre a imigração do século anterior. Para minha surpresa, sabiam muito e perguntaram ainda mais.

Essa busca por familiares e informações me levou ainda a Cortina d'Ampezzo, uma cidade encantada, já próxima da Áustria.

Pouco antes de deixar o ninho, ainda encontrei a prima Chiara, casada com um Bellini, pais de duas meninas loiras e curiosas a respeito do parente que viera de tão longe. Eu estava em permanente estado de graça por mim mesmo, mas era como se eles participassem desse meu sentimento, porque eu mesmo me sentia como um elo reencontrado, um filho de volta ao abraço da família.

Enquanto esperava o sono no quarto do hotel fazendo um balanço do dia, estava certo de que não passava de anedota preconceituosa aquela descon-

fiança do italiano sempre que aparece um parente da América: “Vai ver que veio atrás de herança!”

Três semanas depois de chegar, comprei em Parma um bilhete de trem para Roma, e fui fazendo a viagem em prestações, seduzido pelos encantos da Toscana: Firenze, Assisi, Arezzo, Perugia. Teria aproveitado Roma muito mais se não tivesse me demorado na Lombardia e no Vêneto. Mas, naqueles dias, a Cidade Eterna era algo tão minúsculo, enquanto Quattrocasse ocupava meu coração por inteiro.

Ainda assim, houve emoções fortes, como quando, aproveitando a multidão que o Ano Santo levou ao Vaticano, escapei da Guarda Suíça e fotografei de perto Paulo VI sentado na Sé de Pedro abençoando os peregrinos. Pensei na alegria de papai ao ver uma foto do papa feita por seu filho. Mas, em Milão, de volta a Londres, me esqueci do raio-x do controle e passei com o filme dentro da câmera, uma Pentax novinha, o mais novo requinte da indústria fotográfica japonesa. O policial da alfândega ainda

tentou salvar o turista: “*La camera no!*”, e estendeu o braço num gesto apressado de ajuda. Mas não houve tempo, e a papai só restou ouvir a história.

Dezembro de 2005. Depois de deixar Londres, concluído o doutorado, outro Pessali de uma geração mais nova, entra no bar em Quattrocasse e se dirige ao proprietário de barba grisalha perguntando se sabia onde moravam os Pezzali.

Ivo Sacconi demorou o olhar nos olhos do visitante enquanto seus neurônios processavam o que sairia nesta resposta: “*Trent'anni fa, un altro straniero con lo stesso accento inglese mi ha fatto la stessa domanda.*” Meu filho se lembrou, então, da história que eu havia lhe contado.



Página anterior. Ciprestes sem folha no inverno na área Planície do Pó. Foto: Hesio Pessali.

Sede da administração do comune de Casalmaggiore. Foto: Hesio Pessali.

